

Campinas atingiu o limite de gastos com saúde, afirma Lair Zambon

Ronnie Romanini
ronnie.filho@rac.com.br

Com uma vasta experiência de quatro décadas na área da Saúde, Lair Zambon se aposentou há alguns anos como professor titular da Unicamp. No entanto, no início de 2021, aceitou o convite para assumir a posição de secretário municipal de Saúde de Campinas. Assumir esse cargo em um momento complicado, durante a fase aguda da pandemia da covid-19, foi um desafio significativo. Zambon avalia que o município atuou de forma eficaz no enfrentamento da doença, expandindo o número de leitos e implementando estratégias de vacinação bem-sucedidas.

No entanto, o secretário municipal expressou profunda insatisfação com os índices atuais de vacinação, especialmente em relação à recusa em vacinar crianças contra a gripe e outras doenças perigosas, como a poliomielite. Esse é um ponto de preocupação para Zambon, pois ele acredita que é fundamental proteger a saúde das crianças por meio da imunização.

Por outro lado, Zambon mencionou com entusiasmo os projetos que já estão em andamento ou foram implementados durante o seu mandato. Destaca-se a criação de duas novas diretorias na Secretaria de Saúde: a Diretoria de Regulação da Saúde, que visa otimizar a fila de espera para cirurgias, atendimentos e exames, e a Diretoria de Educação em Saúde, área que Zambon considera de extrema importância. Além disso, ele mencionou o projeto de Saúde Digital e uma possível novidade para 2023, que é a criação de um ambulatório especializado, capaz de atender às demandas emergentes da cidade.

Durante uma visita ao Correio Popular, a convite do presidente-executivo Ítalo Hamilton Barioni, Lair Zambon refletiu sobre sua gestão, considerando tanto o sucesso alcançado em sua posição anterior como diretor do Hospital Estadual de Sumaré (HES) quanto as questões de logística e financiamento. Durante a entrevista, Zambon também afirmou que não tem planos de permanecer à frente da Secretaria por mais quatro anos, caso seja feito um novo convite.

Segundo Zambon, Campinas está enfrentando um limite pressórico em relação aos seus gastos com saúde, e ele acredita que os governos estadual e federal devem oferecer apoio à cidade, que recebe uma grande demanda de pacientes de municípios vizinhos. O secretário de Saúde também ressaltou a importância da criação de um novo hospital regional e de uma nova maternidade, sendo essas despesas financiadas pelo estado e pelo governo federal. A seguir, apresentamos os principais trechos da conversa com Zambon.

Conte-nos sobre a sua trajetória. O senhor nasceu em Campinas?

Eu venho da grande metrópole, Piracicaba, para fazer medicina na Unicamp em 1978. Enquanto residente na Unicamp fui contratado como professor. Fiz residência em pneumologia, é a área da minha carreira acadêmica. Eu me aposentei da universidade há dois meses porque levar as duas coisas juntas é difícil. Como eu já tinha passado do tempo para aposentar na Universidade, e aqui tenho um momento definido até onde ir, resolvi me aposentar e terminar a carreira como secretário de Saúde de Campinas.

E a sua atuação como gestor até assumir a Secretaria?

Fui coordenador da área assistencial do Hospital de Clínicas (HC) da Unicamp. Depois, fui fazer uma intervenção em um hospital complicado em Sumaré, mas, ao mesmo tempo, assumindo a construção do Hospital Estadual de Sumaré (HES). Ele foi inaugurado em 2000 e, na verdade, é a minha grande obra. Eu fui superintendente até 2014, quando assumi o hospital e todos os AMEs da universidade. Em 2020, fui convidado (para assumir a Secretaria de Saúde) no final do ano. Eu retinei um pouco por conta das dificuldades do cargo. Veio a pandemia e acho que Campinas se saiu muito bem no atendimento. Quando cheguei, nós tínhamos 64 leitos de UTI para covid-19 e, em março, quando as coisas complicaram, nós estávamos com 172. Nós tomamos as medidas restritivas, feitas por um comitê que foi liderado pelo Diário, antes do próprio estado e isso foi muito importante. Tivemos a vacina, um ponto alto na cidade. Veio, depois, o que a gente chama de ressaca da pandemia, que foi a demanda reprimida com todas as dificuldades. E as críticas começaram a vir. Foi um momento muito duro da gestão, porque na época do home office a Saúde trabalhou o tempo inteiro. Suspendemos, no começo, todas as férias, todas as licenças prêmio da Saúde. Quando as pessoas precisavam descansar, tudo mesmo estava cobrando a demanda reprimida. Então foi uma situação assim muito difícil de encerrar, a cansaça das pessoas e, ao mesmo tempo, fazer um enfrentamento.

E como está a situação hoje?

Acho que estamos nos organizando, estamos com algumas perspectivas de projetos muito interessantes. Temos coisas que precisamos resolver. Eu vejo, hoje, a neonatologia em uma situação ainda muito complicada, apesar de que o município de Campinas tem mais leito do que precisa, o problema é que mais de 25% do que atendemos em neonatologia vem de outros municípios, e é Campinas que banca. É uma coisa que a gente fica muito preocupado em resolver.

O governo estadual anunciou um programa de regionalização da saúde. Como tem sido discutida essa questão de Campinas arcar com



Hospital Estadual de Sumaré (HES), comandado pelo secretário de Saúde de Campinas, Lair Zambon, até 2014: "Do ponto de vista de gestão, é o meu melhor filho"

ENTREVISTA

Zambon adverte que gasto com saúde atingiu o limite

Secretário de Saúde cobra maior apoio financeiro do Estado e da União



Lair Zambon esteve no Correio Popular a convite de Ítalo Hamilton Barioni

custos e assistência da demanda que vem da região?

Eu acho a regionalização fundamental, mas na verdade quase já existe. A regionalização é feita pelos Departamentos Regionais de Saúde (DRS). Imagino que seja mais no sentido da informação, mas acho que o problema é a falta de investimento. Não precisamos apenas de leitos ou de hospitais que estão fechados, nós precisamos, hoje, de um hospital moderno, com pessoas capacitadas, que façam a média complexidade, e alta, que seja regionalizado. Eu vejo um problema enorme em relação à neonatologia. Pelo Ministério da Saúde, uma cidade como Campinas precisa ter dois leitos de UTI neonatal a cada mil nascidos. Campinas tem 4,64. Ou seja, ela é mais que suficiente e menos que o necessário, porque muita coisa tem vindo para cá. Fora isso, a prematuridade foi uma das sequelas da pandemia, principalmente porque a atenção básica foi deficiente. Não exatamente em Campinas, mas em todos os lugares. O pré-natal e todos esses cuidados foram prejudicados pela pandemia. Estamos hoje fazendo um trabalho enorme dentro da atenção básica para diminuir a prematuridade.

Como são os gastos de Campinas com a Saúde? Gasta uma parte maior do orçamento do que devia?

Temos um orçamento previsto para toda a

saúde de Campinas, entre a Secretaria, a Rede Mário Gatti e todos os convênios com hospitais, como o PUC-Campinas, de por volta de R\$ 2,25 bilhões. Campinas tem que colocar 15% do orçamento ou 17% na Lei Orgânica, mas coloca, em média, 25%. E desse valor de R\$ 2,25 bilhões, 72% foi bancado pelo município no ano passado. Este ano estamos com previsão de chegar a 78% do dinheiro de Campinas. Aí tem por volta de 20% do governo federal, uns 2% do estadual. É perceptível que Campinas está se estrangulando atendendo toda a região, toda essa quantidade de pessoas, como cidade polo. Eu acho mais que necessário um hospital de 300, 400 leitos, que é o Hospital Metropolitan, custeado pelo Estado. Acho que está mais do que na hora. Acho que está atrasado, já havia essa ideia há dois anos, ainda no governo anterior. Acho que passou da hora da região ter um Hospital Metropolitan.

Que tipo de reflexo isso traz para a gestão?

Eu vejo que os estados e principalmente o governo federal estão colocando, na Saúde, uma sobrecarga em cima dos municípios. Não sei como estão os outros, mas claramente Campinas arca com muito. O dinheiro é uma coisa finita, se coloca em uma coisa, ele vai faltar em outra. Eu vejo que o limite de gasto do município na Saúde, no meu ponto de vista de secretário, está no limite. Acho que está na hora de conversar.



É perceptível que Campinas está se estrangulando atendendo toda a região, toda essa quantidade de pessoas. Eu acho mais que necessário um hospital de 300, 400 leitos, que é o Hospital Metropolitan, custeado pelo Estado. Acho que está mais do que na hora. Acho que está atrasado, já havia essa ideia há dois anos

Secretário, voltando à sua experiência à frente do HES, fale mais sobre essa trajetória que parece ter sido muito exitosa.

Do ponto de vista de gestão, é o meu melhor filho. Em 1999, 2000, a saúde pública era um problema em Sumaré. De repente, Sumaré passa a ser uma referência. O que fez dar certo foi que, primeiro, ela conseguiu fazer uma seleção de capital humano, que envolvia a Unicamp, com potencial enorme. Muita gente com o objetivo de fazer uma saúde pública boa. E isso deu uma capacidade de gestão enorme. Dois anos depois, ele foi o quinto melhor hospital avaliado por usuários do SUS. Depois, nós passamos por uma coisa nova, foi o primeiro hospital público acreditado em nível 1, que significa algo espetacular, que é a segurança, saber que se hoje você se internar em um hospital acreditado as pessoas terão todo o cuidado, tem todo um controle por trás. É a segurança do paciente, é a fase 1, ela é fundamental. Isso foi difícil fazer. Mas nós fizemos nível 1, nível 2, 3 e foi o primeiro hospital público a acontecer isso. E formando alunos, residentes, tanto que eles gostavam de ir para lá e sentiam a qualidade assistencial. Depois, uma coisa que é um super orgulho, que foi uma acreditação internacional. Imagina essa acreditação internacional em uma área de Sumaré que era um problema. Recentemente foi premiado novamente, ou seja, apesar de eu ter saído em 2017, 2018, as pessoas que ficam continuam o mesmo caminho. Eu vejo que Saúde não se faz se você não capacitar as pessoas. Se as pessoas não forem capacitadas, esquece. Campinas, por exemplo, não foi um sucesso por conta do prefeito, secretário. Foi por conta do nível que possui a diretoria para baixo, são pessoas extremamente capacitadas em Campinas no ponto de vista de qualidade assistencial. Isso ajudou muito Campinas a ser uma cidade diferente, de ser referência. Muitos municípios vieram copiar o que fizemos em relação à vacina. Acho que é isso. Sumaré é o melhor filho porque foi um local que deu certo e que a gente conseguiu capacitar muitas pessoas, por isso eu fico empolgado hoje de a gente criar uma diretoria de educação em saúde, porque eu acredito muito nisso. A capacitação das pessoas é o que qualifica tudo.

